

Aumentou, conforme noticiado após o carnaval, o volume de embarque dos portos brasileiros, petróleo bruto, grãos e minério de ferro disparados à frente dos demais itens. A indústria concorre modestamente na pauta de exportações, o forte compreendido por produtos agrícolas e matéria-prima, *commodities*. 13 milhões de desempregados com os seus dependentes e agregados, girando essa parcela em torno de 40 milhões de pessoas, somam-se a outras 35 milhões vivendo abaixo da linha da pobreza, só aí 75 milhões ou 36% dos brasileiros rondados pela fome em um país de 208 milhões de habitantes, 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados de território, uma notável diversidade climática e toda a extensão agrícola necessária, sem desmatar ou agredir o meio ambiente.

A dívida brasileira ultrapassa 50% do PIB e cresce continuamente, sem perspectivas de estacionamento ou baixa e com déficits anuais nas contas públicas beirando os 200 bilhões de Reais, importando dizer que não produzimos para arrecadar sequer para atender as nossas despesas correntes, quanto mais para cobrir os nossos custos, pagar o que devemos e manter privilégios. Monstruosos. Na conjuntura atual e no ambiente que ela produz é impossível nos mexermos, salvo ladeira abaixo, como vem ocorrendo.

Você já se perguntou o que acontecerá quando terminar o desmonte de nossas montanhas de ferro, cair a nossa capacidade de produzir petróleo e, livre-nos Deus, diminuir, pelos imponderáveis da Natureza, a nossa produção agrícola? Os senhores da vida e da morte estão loucos para arranjar um jeito de poluir de uma só tacada todo o planeta, isso se não conseguirem destruí-lo de vez. 1 trilhão e 500 bilhões de dólares só para este ano de 2018. Muito bem, você já se perguntou? Não? Eu vivo pensando nisso. Quer saber, de saída, o que acontecerá? Os produtos de qualidade média para boa acompanharão os de melhor qualidade nas exportações; tudo o que prestar será exportado. Para fazer divisas? Não, para pagar contas. Internamente ficaremos com o restolho para mal nos alimentarmos. Sinistrose? Não! O que será dos brasileiros do futuro; ou eles não têm futuro? Há países que até derrubaram florestas, mas mantiveram os produtos primários, mantendo, assim, sua capacidade de produção e sobrevivência, protegeram os seus habitantes do futuro, não lhes venderam a sorte para pagar oportunistas e aproveitadores. E até replantaram as árvores que derrubaram. Tornaram-se potências. E até se dão o luxo de constituírem provisões futuras em outros países, sabe por quê? Por administrarem bem os seus recursos, não os dilapidando, tornando-se por isso fortes, muito fortes, em todos os sentidos. E nós, o que fazemos? Só copiamos o que não presta? Somos um país com a vocação do bridão?

O que acontecerá com o Brasil, com as nossas águas, com a nossa Amazônia, com toda a Amazônia, a considerar neste último caso o que já está acontecendo? Cogita-se a Embraer passando para o domínio estrangeiro, balões de ensaios já estão sendo

convenientemente soltos no ar, aplicação de termômetro, a União tem de concordar. Eletrobrás. Aeronáutica e energia são estratégicas. O grau de desnacionalização do nosso parque industrial é assustador. Capricha-se para que o Brasil não se equipe, para que os brasileiros não constituam meios de defesa; chegará o tempo de serem enxotados do seu próprio país? Não é piada, tremo ao pensar nisso, não jogados no mar, necessariamente, mas confinados no que temos de mais árido e inóspito, as melhores regiões e cidades reservadas para usufruto de *gentes especiais*, as *gentes não especiais* reservadas para as funções inferiores, a serem especificadas pelas *gentes especiais* e seus *experts*. Isso é fantasia, alucinação, teoria da conspiração, chavões usados sempre que alguém toca em pontos sensíveis? Há quem não queira a população em geral pensando nessas coisas, sempre tentando impedir sejam ditas, divulgadas, consideradas, comentadas.

Continuam-se a buscar fundos para manter os nossos absurdos estruturais, os altos e improdutivos custos que nos têm arruinado. Desmontamos com mais velocidade no afã de pagar e se gastar mais e mais. Déficits monstruosos nos acenam a insolvência; a palavra para definir o estágio seguinte é impronunciável, não, não é pornográfica, dependendo, embora, de quem a provoque ou pronuncie. Ela é sugerida por nossas perspectivas.

Um toque nos adventícios e seus discursos preventivos superados e obsoletos: Não há mais espaços para o blablabla das privatizações, há que se fazer funcionar adequadamente, com quadros enxutos e profissionais, o que temos. Só não o fará quem for incompetente ou mal-intencionado. O Brasil não precisa de quem saiba de fazer política, essa política que aí está, precisa de quem saiba de administrar e, muito especialmente, de quem saiba estabelecer prioridades, especialmente quanto às atividades que de algum modo são estratégicas. Praticamente, já perdemos o bonde da história, mas sempre é tempo de começarmos a nos preservar.

Embora aparentemente descartada, vale insistir; não aprovem, senhores, qualquer reforma da Previdência enquanto contas não forem prestadas, centavo por centavo, do que tem sido feito nos últimos três anos com o que foi arrecadado a esse título; façam leis, isso sim, para começar a demolir o pesado fardo que o país carrega sem forças para fazê-lo. Preserve-se o Artigo 5º da Constituição Federal e revejam-se por intermédio de uma Constituinte todas as estruturas existentes, adequando-as às nossas realidades, às nossas condições reais. É questão de sobrevivência.

